

A MULHER NEGRA NO CONTEXTO DA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA: A ESCRITA DE SI E A REINVENÇÃO DO SUJEITO NEGRO FEMININO

Douglas Rodrigues De Sousa¹

Resumo: No presente trabalho, empreendemos um estudo de poemas de algumas poetisas negras contemporâneas, demonstrando como essas escritoras se autorrepresentam e de que forma firmam suas identidades no contexto da atual poesia afro-brasileira. Nosso recorte foi dado a partir de publicações dessas autoras nos *Cadernos Negros*, privilegiando um “eu enunciativo” feminino no interior dessas produções.

Palavras-Chave: Escrita de Si. Mulher negra. Poesia.

THE BLACK WOMAN IN THE AFRO-BRAZILIAN LITERARY CONTEXT: ITSELF WRITING AND REINVENTION OF THE BLACK FEMALE SUBJECT

Abstract: In this work, we undertake a reading of contemporary female black poets's poems, showing how these writers represent themselves, and how their identities have shaped in the context of current African-Brazilian contemporary poetry. Our view was taken over publications of these authors in *Cadernos Negros*, emphasizing a feminine “voice” within these productions.

Keywords: Black woman. Poetry. Writing of myself.

¹ Mestre em Letras (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Piauí (UFPI), atualmente é doutorando em Literatura e Práticas Sociais, Universidade de Brasília (UnB). Endereço eletrônico: doug.rsousa@gmail.com.

Ressurgir das cinzas

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poema-canção,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.”

[...]

Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzalez,
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,
mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da in-
justiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
Nunca me verás caída ao chão.

Os primeiros passos para uma autorrepresentação: o falar de si

O poema em epígrafe, “Ressurgir das cinzas”, da poetisa afro-brasileira Esmeralda Ribeiro, traz uma voz enunciativa feminina que, por meio de uma metáforização de si, transformada em poesia, e das heranças ancestrais, busca suas forças e sentidos para a sua sobrevivência diante dos contextos que lhe são impostos.

Esta “poesia do meu ser” faz com que o sujeito lírico não venha a cair ao chão. Na estrofe seguinte, a voz enunciativa feminina que se expressa no poema revela de onde vem sua força e resistência: das imagens e ancestralidades de figuras negras femininas que tiveram destaque na história negra. Mulheres negras como Luiza Mahin, Lélia Gonzalez,

Carolina Maria de Jesus e Firmina do Reis são heranças e espelhos que a mantém viva e forte.

O quesito memória é logo acionado pela voz lírica, a fim de demonstrar sua ancestralidade, a consciência de si e a formação de seu povo. No caso do poema em tela, “a poesia é a representação do mundo, o imaginário de uma coletividade que precisa afirmar sua história como raça, povo ou nação” (SOUZA, 2006, p. 139).

As figuras negras femininas que produziram literatura afro-brasileira, em diversas épocas na literatura nacional, desde Maria Firmina dos Reis, no século XIX, ou Carolina Maria de Jesus, no século XX, servem como pequena amostra, em um determinado momento histórico, das mãos femininas afrodescendentes que produziram literatura. Essas escritoras figuram como as precursoras da literatura elaborada por mulheres brasileiras descendentes de africanos. É evidente que existem outras, tão importantes como essas, mas o destaque da crítica e dos leitores tornou Maria Firmina do Reis e Carolina de Jesus como referências das letras negras femininas do Brasil. Elas servem de “herança de tantas outras ancestrais”, como anuncia o poema de Esmeralda Ribeiro.

Discutir sobre a mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira é percorrer duas vertentes: a primeira, a das próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao tempo que assim o fazem se reescrevem na história; e, a segunda, a da representação dessas mulheres na literatura. De todo modo, é entender quem são, o que produzem e como se comportam mediante as relações de gênero e etnicidade que lhes são impostas no contexto dessas produções. Diante de tal abordagem, as relações e discussões de gênero (mulher negra) vêm acompanhadas das questões da raça e da etnicidade, a literatura produzida por elas também passará pelo mesmo campo de discussão.

Dessa forma, ao se pensar num contexto geral da literatura e da participação das mulheres, entende-se, segundo Schmidt e Navarro (2007) que:

a cultura literária constitui parte integrante do campo cultural e seu desenvolvimento foi, até há pouco tempo, regulado e controlado ideologicamente pela hegemonia patriarcal e seus pressupostos sobre diferenças assimétricas e hierárquicas de gênero, o que significa dizer que as mulheres que atuaram, no passado, no campo das letras, ficaram à margem da literatura, esquecidas e silenciadas nas histórias literárias. Nesse sentido, uma visada crítica às culturas literárias nacionais ilumina as conexões entre cultura e poder, entre instituição intelectual e dominação, entre privilégio e exclusão (SCHMIDT; NAVARRO, 2007, p. 85).

Sendo assim, seja para as mulheres negras ou brancas, por muito tempo a literatura, a cultura e as artes no geral foram espaços de exclusão e de negação de sua entrada e participação. Restritas aos espaços domésticos ou religiosos, as mulheres ficaram a olhar de “longe”, enquanto os homens, em sua maioria, teciam as letras das literaturas que circulavam.

Vítimas de uma sociedade patriarcalista e sexista, o sexo feminino teve os seus discursos negados ou rejeitados à inclusão no cânone por muitos anos. No geral, “a negação da legitimidade cultural da mulher, como sujeito do discurso exercendo funções de significação e representação foi, no contexto dessas literaturas, uma realidade que perdurou até, mais ou menos, a década de 1970” (SCHMIDT; NAVARRO, 2007, p. 86). É fato que anterior a 1970 já existia literatura produzida por mulheres em vários países, mas é a partir desse período que Rita Schmidt e Márcia Navarro concebem como sendo o centro das discussões sobre essas literaturas, “quando houve uma verdadeira explosão de investigações centradas na relação entre literatura e mulher” (op. cit).

A década de 1970 do século XX, apontada pelas autoras supracitadas, apresenta-se como sendo o princípio da “explosão” das investigações e discussões em torno das literaturas que tinham as mulheres como vanguardistas. A partir dessa década, igualmente Luiza Lobo (1993) compreende como sendo o período em que se expandiram as literaturas negras propriamente ditas, com produções de homens e mulheres negras conscientes e comprometidos com as causas da negritude.

No que concerne à mulher negra no contexto da literatura brasileira, podemos encontrá-la, bem como o negro no geral, de duas formas: primeiro sendo representada, depois ela mesma se escrevendo e participando dessa literatura. Portanto, temos sua representação e sua autorrepresentação.

Se antes as representações das mulheres negras estavam restritas a descrições como as de Bernardo Guimarães com sua escrava branca, *A Escrava Isaura* (1876); ou a imagem da mulata sensual de Aluísio de Azevedo em *O cortiço* (1890), com sua Rita Baiana e a animalidade e falta de inteligência de Bertoleza; ou em imagens poéticas como em “*Essa negra fulô*” (1958), de Jorge de Lima, em que encontramos uma mulher negra lasciva e pronta aos serviços sexuais do seu senhor, aos poucos essas imagens e estereótipos na literatura nacional foram sendo reinventadas e ressignificadas por meio da produção de afrodescendentes, negros e negras no país que buscaram sua identidade e autoafirmação por meio da literatura.

Na ocasião de escrita de *Raça e cor na literatura brasileira* (1983), David Brookshaw faz uma ampla exposição do quadro das representações do negro no contexto da literatura da época, apontando-as como fortemente estereotipadora do afro-brasileiro. Se é por meio da literatura que elaboramos uma das formas da consciência nacional, como apregoa Bernd (2003), essa imagem do negro já nasce repleta de estigmas negativos e depreciativos. Esses estereótipos, segun-

do Brookshaw (1983), serviram, inclusive, como forma de aprisionamento do negro, criando-lhe uma espécie de desassimilação da sua cultura e legado, levando alguns escritores a rejeitarem o ideal de negritude.

Assim, muitas das imagens representadas da mulher negra na literatura nacional eram, em sua maioria, fundadas nas ideologias racistas e sexistas e, principalmente, com base em seu passado escravo. Essas mulheres eram representadas a partir da imagem da negra vista como:

[...] coisa pau pra toda obra, objeto de compra e venda em razão de sua condição de escrava. Mas é objeto sexual, ama de leite, saco de pancada das sinhazinhas, porque, além de escrava, é mulher. Evidentemente, esta maneira de viver a chamada <<condição feminina>> não se dá fora da condição de classe... e mesmo de cor (GIACOMINI, 1988, p. 87-88, Grifo da autora).

A busca por esta autorrepresentação e a quebra dessas imagens negativas ou comumente circulantes na literatura nacional realiza-se com a tomada de consciência dessas mulheres que se aglutinam em movimentos literários e passam a expressarem seu próprio sujeito poético, com suas dores, lutas, anseios, história e memória. Um sujeito negro feminino capaz de se apresentar, agora por suas próprias mãos e sentidos; aos poucos, essas mulheres foram rompendo com as deturpações e estereótipos literários a elas atribuídas na história e tradição da literatura brasileira.

Essas mulheres negras escritoras:

assenhorando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco [...], buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas *descrito*, mas antes de tudo *vivido*. A *escre* (*vivência*) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada,

mulher e negra (EVARISTO, 2005a, p. 205, grifo da autora).

Esse “assenhoramento da pena” permitiu que mulheres negras brasileiras ao longo desses anos redesenhassem a sua história e reconstruíssem um novo perfil de mulher afro-brasileira na literatura, em que elas mesmas, conscientes e baseadas em sua *escrevivência*², fossem aos poucos instalando uma nova ordem aos discursos impostos, uma vez que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (FOUCAULT, 1971, p. 02).

Neste sentido, Conceição Evaristo, elaborando um perfil da escrita e do fazer literário negro feminino, diz que este assume para si “o *lugar da escrita*, como direito, assim como se torna o *lugar da vida*” (EVARISTO, 2005a, p. 206, grifo da autora). Isso porque, ambos, lugar da escrita e da vida, devem ser vistos e analisados a partir de suas vozes enunciativas e produtoras, e as afrodescendentes buscaram sua reinserção no quadro das literaturas, por meio da enunciação de uma escrita que passa pelas suas vidas. Com isso,

As alternativas de auto-representação são fundamentais para a participação atuante do afro-brasileiro, uma vez que as práticas econômicas ou culturais “dependem das representações utilizadas pelos indivíduos para darem sentido a seu mundo”. O modo como o indivíduo vê e acredita ser visto e o fato de os grupos se reconhecerem, ou não, nas imagens identi-

² *Escrevivência* é um termo cunhado pela própria Conceição Evaristo, a partir do que a escritora se vale da ideia de que os escritores (as) negros/as escrevem com base nas suas leituras de mundo, não apenas como um simples fazer literário que parte da motivação poética, assim como também um caráter político desta. A palavra surgiu na *Conferência de Escritoras Brasileiras*, em Nova York, em 16 de outubro de 2009, no seguinte contexto do discurso da autora: “A nossa ‘escrevivência’ não pode ser lida como história para ninar os da Casa Grande e sim para acordá-los de seus sonos injustos”.

tárias que lhes são atribuídas serão decisivos para delinear a configuração das suas reivindicações e os papéis sociais que irão requerer para si (SOUZA, 2006, p. 54).

A primeira autorrepresentação buscada nesse novo fazer literário foi a modificação desse discurso hegemônico. Os grupos dos afrodescendentes assumiram o papel e a voz na escritura de sua própria literatura, de modo que “a maioria dos escritores entende que a literatura negra deverá tematizar o resgate da história do negro no Brasil, com vistas a contribuir para a formação de uma auto-imagem[sic] positiva deste” (SOUZA, 2006, p. 110).

Com isso, autoras contemporâneas voltaram-se para a elaboração de suas obras utilizando-se das “circunstâncias do seu meio”, tendo como matéria de criação seus próprios valores, volições, questões identitárias e suas representações diante do mundo. Diríamos, portanto, que o/a negro/a buscou adquirir a capacidade de contestar não somente contra uma matriz étnica branca e dominante que os oprimia, como também contra uma matriz literária em torno de sua representação na literatura.

Essa autorrepresentação, a exemplo, é vista hoje de maneira comum. No cotidiano da literatura afro-brasileira, as mulheres negras são uma das grandes contribuintes, tanto na organização da série dos *Cadernos Negros* (CN), como também publicando em larga escala a cada edição; essas publicações giram em torno tanto da prosa³ como da poesia.

Porém, nem sempre foi assim. No exemplar de número 1, a edição de lançamento dos CN (1978) contou com o núme-

³ Em se tratando dos *Cadernos Negros* o gênero de prosa publicado nas edições é o conto, tendo uma ampla participação de textos de escritoras negras. Porém, o foco que daremos aqui, por se tratar de um trabalho de análise poética, evidentemente, será ao gênero da poesia. O que não significa dizer que essas poetisas não tenham produzido textos em prosa.

ro de oito homens, contra duas mulheres, sendo elas: as poetisas Ângela Lopes Galvão e Célia Aparecida Pereira. Essas duas poetisas, naquela ocasião, foram as únicas a publicarem seus textos poéticos junto aos das figuras masculinas na coletânea dos *Cadernos*, o que significa dizer que ainda, àquela época, as mulheres afro-brasileiras mantinham-se distantes da produção e divulgação da literatura negra, e, em sua maioria, se produziam não publicavam.

Com o passar dos anos o número de publicações dos *CN* aumentou, conseqüentemente, o número de mulheres afrodescendentes foi rompendo e conquistando mais espaço nas páginas dos *Cadernos*. Isso pode ser exemplificado no volume 29, os organizadores da edição, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa, no prefácio, fazem a seguinte apresentação:

Quem sabe este volume seja também a consolidação de uma escrita feminina atuante nos *Cadernos*... Às vezes a presença de poemas ou contos de apenas duas mulheres, em uma experiência coletiva, é como uma gota no oceano. Neste volume a musicalidade da poesia tocou os corações de algumas escritoras. O olhar, o ritmo e a estética feminina desta vez estão nos textos de *nove* delas, [...]. Embora os aplausos sejam ainda contidos, já que encontramos neste *Cadernos* versos de vinte homens, valeu. Quem ganhará com a diversidade da escrita feminina seremos todos nós (RIBEIRO; BARBOSA, 2006, p. 16).

É evidente que o número de mulheres negras escritoras que publicam e publicavam nos *Cadernos Negros* já tinha registrado um significativo aumento anterior à edição 29, mas especialmente nessa edição os organizadores chamaram a atenção dos leitores(as) e escritores(as) para o despertar da escrita negra feminina, funcionando de forma a avaliar a participação dessas mulheres e de como elas se inscrevem nesse cenário das letras negras. Logo:

ao assumir sua voz-mulher, as escritoras afro-brasileiras ampliam o significado da escrita feminina

brasileira, revelando uma identidade-mulher que não é mais o “outro” dos discursos. Afirmam uma identidade-mulher-negra que revela que sempre esteve lá, no “lugar do silêncio”, dentro do outro silêncio-mulher-branca, na singularidade e na subjetividade da experiência única de ser mulher negra no Brasil, que, em seus vários aspectos, é contemplada pela criação dos textos literários, enfocando os mais diferentes aspectos, expondo a complexidade que reveste o ser Mulher na sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 186, grifos da autora).

Dessa forma, em edições dos *CN* e de outras editoras brasileiras e mesmo internacionais⁴, essas mulheres negras foram rompendo com os silenciamentos impostos pelo cânone literário e pelo passado colonial escravocrata e firmando paulatinamente o corpo, a escrita, o estilo, a palavra, as leituras, os posicionamentos, os sentidos e os significados da literatura negra brasileira; especialmente as vozes femininas que dela emergem e caminham cada vez mais para uma consolidação literária enquanto escrita, denúncia e autoafirmação do ser mulher e negra no campo da expressão das palavras, demonstrando, pois, “uma vida negra eivada de relações” (ALVES, 2010, p. 185).

Assim, é de mãos negras como as de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus até escritoras da contemporaneidade, que a escrita afro-feminina brasileira vem sendo desenhada nos dias de hoje. Essas escritoras buscam, principalmente, sua autorrepresentação, a desvinculação com os

⁴ De edições publicadas em âmbito internacional em torno da poesia e prosa afro-brasileira, damos destaque as seguintes publicações: ALVES, M. (Ed.) (1995) *Enfim... Nós / Finally... Us: Escritoras Negras Brasileiras Contemporâneas / Contemporary Black Brazilian Women Writers: Dual Brazilian- English Poetry Anthology*. Trad. C. R. Durham. Colorado Springs: Three Continents Press. Original português e também: ALVES, Miriam e LIMA, Maria Helena (Org.). *Women righting — Afro-Brazilian women's short fiction: mulheres escrevendo*. Edição Bilingue. Londres: Mango Publishing, 2005.

discursos hegemônicos e a instauração de uma nova escrita e identidade de si mesmas, agora por suas próprias mãos, pela “*poesia do seu ser*”, parafraseando os versos de Esmeralda Ribeiro.

A propósito da busca e afirmação dessa identidade feminina, por meio da linguagem literária (poesia), adiante elencamos alguns textos que apresentam algumas poetisas negras contemporâneas que vêm produzindo no atual contexto da literatura afro-brasileira e que por meio de suas produções têm conquistado novos espaços e instigado uma revisão de conceitos sobre o sujeito negro feminino brasileiro.

Escritoras negras contemporâneas: em busca da identidade e da autoafirmação

Como podemos acompanhar ao longo do que aqui foi discutido sobre as produções literárias dos afro-brasileiros, a partir da metade do século XX, principalmente a década de 70, foi marcada por uma intensa produção, crítica e divulgação dessa literatura negra. O aglutinar de grupos excluídos e a formação de entidades mais organizadas permitiram com que em maior número houvesse essa circulação e aos poucos a conquista de espaço no cenário literário brasileiro.

Essas produções literárias surgiram revestidas de significados que buscavam recuperar e restabelecer a imagem do afrodescendente no Brasil. Vários estudos de ordem sociológica, antropológica e cultural ganharam destaque nesse período, discutindo e reivindicando uma nova posição aos negros e negras brasileiras. Estes, agora, se autorrepresentavam e se impunham nos palcos das teorias e discussões de diversos âmbitos.

Essa onda de protestos e redesenhamentos do negro brasileiro era acompanhada principalmente do resgate da memória, história e identidade cultural de seus ancestrais e de sua afirmação como descendentes de negros. O mito da

democracia racial era de vez posto abaixo e os brasileiros eram, então, apontados como possuidores de um racismo dissimulado ou, em alguns casos, explícito.

Novas vozes surgem, novas imagens passam a existir, uma poética construída agora sobre as próprias mãos, outra amordaçada, e pelas vozes emudecidas. Textualmente falando, o homem e a mulher negra não temem mais expor-se liricamente, apresentando um sujeito, seja masculino ou feminino, que fala e revela suas origens e descendências. Acerca dessas literaturas:

[...] particularmente, configuram-se tensões que reproduzem tanto a realidade sociocultural enfocada, quanto o modo como se organiza a linguagem. Produzidas num país como o Brasil, que, malgrado o intenso contingente de descendentes de africanos em sua população, nega-se a se ver como negro, as representações imaginárias que a literatura retoma passam pelas ambiguidades características do olhar da nação sobre si mesma (ALVES, 2002, p. 192-193).

Se as contribuições dos negros que, segundo Paul Gilroy (2001), formariam esse imenso *Atlântico Negro* estiveram calcadas exatamente nesse trânsito de informações e culturas dos povos da diáspora, isso, evidentemente, inclui a literatura que veio nesses navios, as tradições orais e os rituais desses homens e mulheres escravizados que aqui desembarcaram.

Essas leituras *afros* do mundo seriam a base e o material primeiro para a formação poética do negro brasileiro, passando a percebê-los “como agentes, como pessoas com capacidades cognitivas e mesmo com uma história intelectual” (GILROY, 2001, p. 40). Dessa forma, não há poética (literatura) afro-brasileira desvinculada de sua história, memória e ritualística africanas, e, adiante, esses elementos somados ao passado escravocrata que tiveram debaixo dos trópicos brasileiros.

Esses e outros elementos foram acionados pelos negros e negras brasileiras como ponto fulcral de seu fazer poético, do devir afrodescendente na literatura. Nesse caso, portanto:

autonomear-se escritor de literatura negra é embreanhar-se nessa selva de significados, relações e inter-relações, procurando uma outra forma literária. A existência de uma literatura específica se dá através de um conjunto de significados e intenções, símbolos, estéticas e a tradução em arte dessa visão do mundo (ALVES, 2002, p. 235).

É, pois, a partir dessa busca por uma literatura que traduza por meio de símbolos uma “visão do mundo”, nas palavras da poetisa Miriam Alves, que a literatura negra se apresenta como categoria específica de significados e intenções, traduzindo uma visão de/do mundo agora sob as lentes negras. De olho nas especificidades dessa literatura, Eduardo de Assis Duarte chama a atenção para mais um caráter próprio dessa literatura, o *caráter gendrado*, “isto é marcado por uma especificidade de gênero” (DUARTE, 2011, p. 09).

Desse caráter gendrado da literatura afro-brasileira, surgem, pois, as escritoras negras que produziram/produzem sob um olhar além de negro, também feminino. Sendo assim, o caráter da raça soma-se a outro fator de fundamental importância de determinação nesse fazer literário negro feminino, o do gênero.

Duarte (2011) faz a seguinte explanação acerca desse sujeito negro feminino letrado:

[...] o momento presente propicia “e exige” a articulação da etnicidade com o gênero, a partir mesmo de uma compreensão da diferença cultural que os particulariza frente aos padrões hegemônicos, e dos condicionamentos históricos que relegaram ambos os segmentos à submissão, mesmo que em níveis distintos. Assim, uma vez operada tal articulação, abre-se a possibilidade de um suplemento à configuração teó-

rica e histórica da literatura afro-brasileira. E esta operação suplementar aponta justamente para a inclusão das mulheres que, no século XVIII e XIX, vencendo as barreiras impostas às “pessoas de cor” e ainda aquelas derivadas do pertencimento ao “sexo frágil”, lograram atingir a expressão letrada e até publicar (DUARTE, 2011, p. 9, grifos do autor).

Vencendo as barreiras de gênero e da cor, para além dos mitos de “sexo frágil”, mulheres negras se enveredam pela escrita e produzem literatura que manifesta uma lírica própria, capaz de revelar as subjetividades desse segmento social. Se falar em escrita da mulher (escrita feminina) por si só já traduz um significado particular, essa assume outras conotações, bem como as questões aqui discutidas de gênero sobre mulheres brancas e negras, da escrita feminina e negra.

A respeito da escrita das mulheres negras, Miriam Alves concebe esta da seguinte forma:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropria-se de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira (ALVES, 2010, p. 185).

Se é por meio do seu olhar e fala, interrogando e interrogando-se que tece as letras negras femininas, podemos assim afirmar que mulheres afrodescendentes têm uma autorrepresentação manifestada por meio de um duplo devir literário, o negro e o feminino. A propósito desse devir literário, apresentamos aqui a citação/depoimento de uma escritora negra acerca do que representa o ato da escrita consubstanciada à sua etnicidade, a escrita do seu sujeito. Nas

palavras da romancista e poetisa Conceição Evaristo esse ato se dá da seguinte forma:

Gosto de escrever, na maioria das vezes dói, mas depois do texto escrito é possível apaziguar um pouco a dor, eu digo um pouco... Escrever pode ser uma espécie de vingança, às vezes fico pensando sobre isso. Não sei se vingança, talvez desafio, um modo de ferir o silêncio imposto, ou ainda, executar um gesto de teimosa esperança. Gosto de dizer ainda que a escrita é para mim o movimento de dança-canto que o meu corpo não executa, é a senha pela qual eu acesso o mundo (EVARISTO, 2005a, p. 202).

Dividida entre sensações tais como dor, apaziguamento, vingança, desafio, silêncio e esperança... que num tom elucubrativo a poetisa contemporânea Conceição Evaristo tece considerações sobre a sua *escrivência*. Escrever para ela é mais que transpor artifícios poéticos e ficcionais ao papel é, principalmente, “um gesto de teimosa esperança”, que se reverbera na senha pela qual ela “acessa o mundo”.

Ainda refletindo no depoimento de Evaristo, esta descreve uma certa dor no processo da escrita, dor que se revela inclusive em tom de vingança, tomando-o como ponto de partida, perguntamo-nos: em que consiste a escrita das mulheres negras brasileiras? Que devir poético e processo identitário essas escritoras traçam na sua escrita? Que pontos peculiares existem na elaboração dessa escrita negra feminina, e de que acesso essa escritora fala? Clarividente que não podemos tomar o discurso da autora como generalizante a todas as escritoras negras brasileiras, mas cabe perscrutar na poética dessas autoras contemporâneas os principais aspectos e motes literários que movem suas escrituras, destacando, sobretudo, os traços da identidade e autoafirmação dessas afrodescendentes.

Selecionamos alguns textos poéticos, de poetisas afro-brasileiras contemporâneas, para demonstrarmos a manifestação de identidades femininas negras nas leituras destes.

Para fazermos essa breve ilustração, elegemos poemas que apresentassem a manifestação de um eu-lírico negro feminino em suas diversas nuances.

A seleção desses textos se deve, especialmente, em decorrência dessa autorrepresentação, da escrita de si, que essas escritoras contemporâneas buscaram percorrer e estabelecer ao longo de suas produções literárias. A categoria feminina de escritores descendentes de africanos assume para si os diferenciais dos demais escritores (homens), por se somar o elemento gênero nessa discussão. Uma vez que, segundo Florentina Souza (2006):

a subjetividade de gênero e etnia resulta, antes, de um trabalho contínuo e cotidiano de reelaboração de modelos, significados e atitudes desenhados e aprendidos no tecido das várias formas de convívio experienciadas pelos sujeitos e pelos grupos (SOUZA, 2006, p. 183).

Por isso, acreditamos ser útil, às nossas análises, ilustrações de textos poéticos de diversas autoras, a fim de estabelecermos um comparativo dessas autoras e de traçarmos um breve painel dessa literatura produzida por mulheres negras no país, de suas subjetividades femininas e do seu trabalho de “reelaboração de modelos”, como aponta Souza (2006) e, por fim, de como elas se autorrepresentam.

Nesse âmbito, o poema de Conceição Evaristo, *Eu-Mulher*, publicado nos *Cadernos Negros* número 13, faz uma descrição não somente dos sujeitos negro-femininos, bem como uma descrição das próprias mulheres. A poetisa, por meio de elementos e apanágios típicos das mulheres, tece uma poética do que é esse *eu-mulher*, como se vê nos versos abaixo:

Uma gota de leite
me escorre entre os seios.
Uma mancha de sangue
me enfeita entre as pernas

Meia palavra mordida
me foge da boca.
Vagos desejos insinuam esperanças.
Eu-mulher em rios vermelhos
inauguro a vida.
Em baixa voz
violento os tímpanos do mundo.
Antevejo.
Antecipo.
Antes-vivo
Antes — agora — o que há de vir.
Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo (EVARISTO, 1990, p. 30).

Nesse poema, temos a visão do corpo feminino e dos seus significantes, do que o torna enquanto tal. A poetisa elenca elementos como: a produção do leite materno, a menstruação, a capacidade de gerar uma nova vida e a combinação semântica de matriz e motriz, que fazem com que o sujeito lírico se estabeleça como mulher. E, sobretudo, possuidora de características somente suas, como a capacidade de gerar, manifestada por meio dessa *fêmea-matriz*, e em dar continuidade, sendo essa *força-motriz*.

A paulista Miriam Alves se utiliza de outras imagens poéticas a fim de apresentar as lutas e sofrimentos dos povos negros. Nos versos do poema *Eu mulher em luta*, a autora se vale de um eu-lírico feminino que demonstra não só o particular da luta das mulheres negras, bem como de todos os povos dessa etnia. Por meio de uma luta poética, transformada no luto da história negra, o sujeito feminino desse texto expressa seu *enlutamento* pelas mazelas e vicissitudes que os negros tiveram de passar, “aquelas vindas no arrastão atlântico”. Essa *mulher em luta* apresenta uma espécie de

indignação poética pelas lágrimas e silenciamentos dos povos da diáspora.

enluto-me e o poema sai assim
meio mágoa
meio lágrima
meio torto
toda lança

enluto-me por aquelas vindas no arrastão atlântico
enluto-me ao ver dilacerar pele, corpo e mente

eu mulher em luta
combato o ócio de quem não vê
no silêncio das casas os estupro-menina
cotidianamente

[...]

eu mulher em toques no teclado
faço das luzes da tela meu alento
alimento em palavras

o meu desejo pleno de ser
e vou tiquetaqueando retirando das vogais sons
palavras e imagens
tamborilando mensagem vou (ALVES, 2010, p. 122).

A história dos africanos desterritorializados, arrastados pelo Atlântico, como elabora poeticamente Alves nos versos anteriores, dialoga com o poema *Tecendo memórias*, da baiana Elizandra Souza. Através da memória de suas ancestrais, o sujeito lírico desses versos constrói imagens poéticas de exaltação de suas antepassadas como as responsáveis por quem elas hoje são e representa. Os tesouros que o eu-lírico encontra estão calcados nessa história e de quem as gerou, e com uma espécie de mergulho dentro de si, que podemos entender metaforicamente como forma de um retorno às suas origens.

Ouçõ as minhas ancestrais:
Cantando, raiar os luares

Dançando, o sagrado costurar
Sorrindo, colher as flores

Retribuo:
Sonhando poesias
 Construindo melodias
 Recitando amanhã

Flutuo na terra, piso no mar
Enfrento serpentes e armadilhas
Mergulho dentro de mim...

Atribuo a você, minhas ancestrais
Quem hoje sou eu, danço seus ritmos meus
Peneiro o deserto, encontro tesouros
Mesmo que besouros rondem meu lar
Pétalas finas e cheirosas
Rosas rubis a quem possa se interessar

Corro e percorro de sapatos vermelhos
Trilhas, trilhos, engrenagens
Roupas arco-íris na vida cinza
Sozinha, ando sempre acompanhada
Ancestral minha que hoje sou eu (SOUZA, 2010, p.
72).

Dialogando com os versos de Elizandra Souza, encontramos na poesia da paulista Claudia Walleska — *Histórico recente*, a identidade negra feminina expressa por uma “negritude deteriorada”, a perda identitária do sujeito negro vitimado pelo ideal do branqueamento e pelo mito da democracia racial. Neste texto poético, Walleska, assim como Elizandra Souza, também faz referência às suas ancestralidades como forma de um encontro consigo e como ponto de afirmação de sua identidade.

Histórico Recente

Negra,
Negritude deteriorada,

Por achar, acomodada,
Que a alma fora lavada
E que a roupa suja
Não mais lhe pertence...

Crê
Que um dia
Alguém
Há de limpá-la.

Pura ilusão!
Por mais que “os de fora”
Se preocupem
Só resolve o problema
Quem está dentro dele.

Ouse questionar
o seu dia a dia
O porquê de as coisas
Serem assim com você
E não com outras etnias...

Quando estiver em dúvida
Em relação ao seu presente
Olhe para trás, lembre de seus ancestrais
E siga em frente (WALLESCA, 2010, p. 36).

A busca pelas suas origens e a constante referência ao seu passado étnico é uma marca constante na produção poética afrodescendente, ao tempo em que isso é feito, esse elemento (referência) da ancestralidade é exaltado e apresentado como forma de orgulho e de afirmação enquanto sujeito negro. A palavra “negra” seguida de uma “negritude deteriorada” evoca um sujeito lírico feminino já distante de si e dispensando sua história e passado, plasmados em imagens como “roupas sujas”, concebe, portanto, esse sujeito, que estas “não mais lhe pertence...”, restando, pois, seguir em frente.

À guisa de discussões ou um encerramento

Na produção contemporânea de escritoras negras brasileiras a imagem do passado e a recorrência às suas ancestrais é uma marca premente e constante. Essas mulheres, como podemos ler nesses poemas, buscam da/na matéria do seu dia a dia as imagens e metáforas figurativas do seu tecido poético, o que nos lembra Octávio Paz (1982, p. 50) quando diz que “O poema se nutre da linguagem viva de uma comunidade, de seus mitos, seus sonhos e suas paixões, isto é, suas tendências mais secretas e poderosas”. Essas poéticas (literatura) afro-brasileiras surgem exatamente, como nos dizeres de Paz, dessa comunidade, mitos, memórias, sonhos e paixões dos povos da diáspora africana e de sua constituição enquanto nação. Rompendo cânones e estabelecendo um novo modo poético de se expressarem e falarem de si mesmos.

Sendo assim, acreditamos que não há literatura afro-brasileira desvinculada de uma bandeira política, sem, é claro, ser panfletária. Como podemos ver até aqui, a própria história de estabelecimento dessa literatura no cenário nacional surge a partir de um viés político-social que muitos escritores fizeram parte e até hoje ainda assim se apresentam. É também importante destacar que os temas presentes na literatura afro-brasileira não giram apenas em torno de questões como o racismo, a luta de classe, o processo de desterritorialização e sofrimento a que os povos negros foram e são submetidos; essa literatura é antes de tudo rica em poesia e de elementos da teoria da literatura que a tornam de qualidade e de expressivo valor literário. Outros temas como a literatura infantojuvenil, o erótico, a comédia, o drama, o cômico etc, fazem parte dos enredos poéticos e em prosa dos escritos dessa literatura.

Nesse âmbito, escritoras como Conceição Evaristo, Míriam Alves, Elizandra Souza, Claudia Walleska, dentre outras, têm uma vasta produção literária que vai além de poemas e publicações em séries como os *Cadernos Negros*. Essas auto-

ras, aqui ilustradas, integram o segmento de parte da produção afro-feminina na atualidade. Sobre muitas abordagens na feitura de seus textos elas tecem um segmento de literatura a partir de um sujeito gendrado, ou melhor, de um sujeito *negro-gendrado*.

Podemos então afirmar, de acordo com Salgueiro (2004), que essas poetisas:

Escrevendo da perspectiva “mulher” e “negra”, as escritoras de origem africana, muitas delas oriundas dos movimentos organizados, examinam os indivíduos e suas relações pessoais, como meio de abordagem de questões complexas na sociedade. Através de questões de raça e gênero, presentes no cotidiano de todos nós, atingem a universalidade. Valorizam, acima de tudo, a diferença. Em certos momentos, esta desponta poeticamente através de um otimismo construtivo, que leva ao positivo, ao crescimento, à possibilidade de estruturação de uma sociedade nova e mais justa (SALGUEIRO, 2004, p. 65).

Portanto, como dito anteriormente e corroborado com a citação de Salgueiro (2004), muitas dessas escritoras são oriundas de movimentos organizados e por meio de sua literatura analisam questões complexas da nossa sociedade e, a partir daí, atingem a universalidade por meio de suas expressões literárias. O falar de si, pois, levanta todo um coletivo, o coletivo negro, no caso aqui, em especial, da mulher negra brasileira.

Referências

ALVES, Miriam. A literatura negra feminina no Brasil — pensando a existência. *Revista da ABPN*, n.3, v.1, nov.2010-fev. 2011, p. 181-189.

ALVES, Miriam. Cadernos Negros (número 1): estado de alerta no fogo cruzado. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA,

Maria Nazareth Soares (Org.). *Poéticas afro-brasileiras*. Belo Horizonte: Mazza: PUC Minas, 2002, p. 221-240.

BERND, Zilá. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003.

BROOKSHAW, David. *Raça & cor na literatura brasileira*. Trad. de Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura, política, identidades: ensaios*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura afro-brasileira: um conceito em construção*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: out. 2010.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e afrodescendência*. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro>>. Acesso em: out. 2011.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Org.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005a.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-representação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. *Revista Palmares: Cultura Afro-Brasileira*, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005b.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

GIACOMINI, Sonia Maria. *Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1988.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001.

LOBO, Luiza. *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

NAVARRO, Márcia Hoppe; SCHMIDT, Rita Terezinha. A questão de gênero: ideologia e exclusão. In: *2º Congresso sobre a Mulher, Gênero e Relações de Trabalho*, 2007. Goiânia: Instituto Goiano do Trabalho, 2007. v. 1.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Trad. de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

RIBEIRO, Esmeralda; BARBOSA, Márcio (Org.). *Cadernos Negros: três décadas — ensaios, poemas, contos*. São Paulo: Quilombhoje /SEPIR, 2008.

SALGUEIRO, Maria Aparecida Andrade. *Escritoras negras contemporâneas: estudo de narrativas — Estados Unidos e Brasil*. Rio de Janeiro: Caetés, 2004.

SOUZA, Elio Ferreira. *Poesia Negra das Américas: Solano Trindade e Langston Hughes*. Tese (Doutorado em Literatura) — Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

[Recebido: 1 set. 2015 — Aceito: 29 out. 2015]